

Espaço para os santos

# Terreiro da Mãe Malvina



▼  
Mãe Malvina, no final de 1986, preparando o jogo de búzios em seu terreiro na Coloninha, onde atendeu muitas figuras políticas

## Depois do preconceito, a conquista do respeito

Nos primeiros anos de atividade do terreiro, Mãe Malvina sofreu com o preconceito e a intolerância religiosa, chegando até a ser detida no final da década de 40 acusada de curandeirismo. Na verdade, uma desculpa, porque uma das marcas da atuação de Mãe Malvina era a preocupação com as questões sociais de seu bairro.

“Aos poucos, ela foi conquistando o respeito da população. As pessoas viram que umbanda não é macumba. Viram que aqui no terreiro só se tirava o mal dos outros, só se fazia o bem”, explicou Osmar Vidal Rita, 63 anos, primogênito e único filho homem de Mãe Malvina. A mãe-de-santo teve outras duas filhas: Juraci e Marisa, esta última adotiva.

Osmar é o ogã do terreiro, o responsável pelo som dos atabaques durante as sessões (atualmente são duas por mês). Juraci é a babá dos orixás, mulher do babalão (pai-de-santo) Altamiro José Pereira, escolhido o sucessor de Mãe Malvina no comando do Centro de Umbanda São Jorge.

No enterro de Malvina Airoso de Barros, mais de 1.500 pessoas foram até o cemitério de Capoeiras se despedir da “mãe de todas as mães e pais-de-santo” de Santa Catarina. “Mãe Malvina é muito estimada e querida por todos que a conheceram. Ela ensinou que a umbanda é fé, justiça, caridade, paz e amor. E que todas as religiões são do caminho de Deus”, disse o ogã Osmar, acrescentando que o espírito de Mãe Malvina continua a guiar e a iluminar os que frequentam o Centro de Umbanda São Jorge, o mais antigo do Estado.

# O terreiro

**T**ecelã e artesã, nascida em Itajaí no dia 14 de setembro de 1910, Malvina Airoso de Barros começou a ter visões e crises emocionais perto de completar 30 anos, quando já residia em Florianópolis. Aconselhada pelo segundo marido, o umbandista José de Barros (o primeiro, um embarcado de sobrenome Rita, a havia abandonado logo após o nascimento do seu primeiro filho), Malvina foi para o Rio de Janeiro em 1941, onde desenvolveu a sua mediunidade e recebeu pela primeira vez as entidades que a acompanhariam durante quase 50 anos de vida dedicada ao espiritismo.

Foi no Rio que Mãe Malvina (como mais tarde seria conhecida em todo o Estado) recebeu seus primeiros orixás, como Vovó Maria Conga de Angola, dona do peji (altar) no terreiro que ela ergueria seis anos depois no bairro Estreito O enviado de São Jorge, Ogum

---

De 1945 até 1988  
a mulher nascida  
em Itajaí esteve  
à frente do mais  
famoso terreiro  
de umbanda em SC

---

Guerreiro, o caboclo Munhangaba e a cabocla Jurema eram outros dos guias que costumeiramente baixavam (incorporavam) em Mãe Malvina. A "formatura" como mãe-de-santo aconteceu, como não poderia deixar de ser, em Salvador, na Bahia, em 2 de feve-

reiro de 1946, dia de Iemanjá.

De volta a Florianópolis, Mãe Malvina e José de Barros (que já tinham fundado um centro espírita na rua José Cândido da Silva, no Balneário, em 1945) construíram em um terreno que compraram na rua Felipe Neves, na Coloninha, o Centro de Umbanda São Jorge, inaugurado em 14 de setembro de 1947. Dos 37 aos 77 anos (quando faleceu, no dia 21 de junho de 1988), Mãe Malvina se transformou no maior nome da religião afro-brasileira em Santa Catarina, o "grande baluarte do umbandismo", como, até hoje a reverenciam seus filhos e afilhados.

Fundou e tornou membro efetivo do Conselho Estadual Cristão-Espírita de Umbanda/Culto Afro-Brasileiro. Por seu terreiro passaram, ao longo de quatro décadas, mais de 30 mil pessoas, de todas as crenças, raças e classes sociais. Políticos como Esperidião Amin (que tem fotografia ao lado da mãe-de-santo no terreiro da Coloninha), sua mulher Angela Amin, e César Souza seguidamente recorriam aos seus conselhos.